

Hoje é dia de festa! É agosto em Montes Claros

Ricardo Ribeiro Malveira

Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – PPGAC/UFBA.

Mestrando – Matrizes Culturais na Cena Contemporânea – Or. Lucia Fernandes Lobato

Bolsa FAPEMIG

Professor do Departamento de Artes/ Curso de Artes Teatro - Universidade Estadual de Montes Claros/ UNIMONTES

Resumo: Este trabalho é parte de uma pesquisa de mestrado que teve como objetivo analisar as festas de agosto e os Catopês de Montes Claros, representantes do Congado do norte mineiro. Apresenta os elementos que caracterizam este espaço festivo a partir de uma investigação bibliográfica, documental e participante nas festas e no Terno de São Benedito. O horizonte teórico se ancora nos conceitos da Sociologia Compreensiva, Sociologia Interpretativa e na Etnocologia. Levanto a hipótese de que os Catopês revivem e instauram uma resistência negra contemporânea no seio da cultura mineira através de rastros ancestrais, presentes no espetacular do corpo, de práticas extra cotidianas e de dimensões ocultas. Eles festejam no estar junto das ruas em agosto, e assim revivem sua memória e seu imaginário.

Palavras-chave: Festas. Catopê, Rastros, Imaginário, Ritos Espetaculares.

As manifestações populares e os espaços de Festa têm grande importância nas sociedades. Nesses espaços festivos, os brincantes transformam o cotidiano a partir das práticas ancestrais e práticas extra cotidianas dando lugar à utopia e à manifestação coletiva. O olhar sobre o espaço de Festa tem sido tema de muitas pesquisas no campo das Artes do Espetáculo e, especificamente, da Etnocologia. Neste trabalho trato do espaço festivo tentando compreender o significado das Festas de Agosto e as manifestações dos Catopês do Terno de São Benedito na cidade de Montes Claros em Minas Gerais.

A relação entre homem, espaço e a significação do fenômeno da Festa na civilização são apontadas, por Duvignaud (1983), como resultado de um labor e componentes de um “meio”. Nesse sentido, as Festas são atividades que, muitas vezes promovem a contestação ou mesmo a destruição de práticas e conceitos das sociedades. As festas constituem espaços simbólicos inseridos no real, nos quais o grupo social encontra o lugar para contestar e reelaborar novas experiências de ambientação, construção da cultura e ideologias para os novos tempos. Duvignaud também nos diz que a “cultura” expressa uma resposta à agressão natural, uma tentativa impotente e, por conseguinte, simbólica de contestar o espaço, organizado em torno dos homens. Estabelece nesses espaços o contato com o invisível, com os medos e desejos, com a vida e morte. Nessa organização do “cosmo” surgem as resignificações e as cristalizações através dos

símbolos, dos ritos e de construções materiais nas quais se converte o poder, que acaba por se apropriar desses espaços como forma de controle da sociedade.

Bakhtin (1987) discute a importância do riso, sua amplitude e proporções nos espaços das Festas Medievais. O riso estava presente no espaço festivo medieval, nas praças e ruas e, para Bakhtin, “o universalismo do riso popular, seu caráter utópico, seu valor de concepção do mundo tampouco foram compreendidos e apreciados na sua justa medida” (*ibidem* p. 48). As próprias festas religiosas populares possuíam também um aspecto cômico que era consagrado pela tradição. Esse espaço não oficial exterior à Igreja e ao Estado seria um segundo mundo. Segundo o autor, essa dualidade sagrada e profana do mundo já fazia parte da vida humana desde os seus primórdios. Eram nesses espaços, que aqui chamo de brechas, onde era permitido o não-oficial, que acontecia o “tom provisório”, as mudanças e/ou as infrações. Bakhtin ainda pontua o jogo como outro elemento que caracteriza os espaços festivos, considerando que é exatamente ele que aproxima esses eventos das formas artísticas e animadas ou imagens, isto é, das formas do espetáculo teatral; não entrando no domínio direto da arte, mas ficando na fronteira entre a arte e a vida, pois a vida tem elementos característicos da representação. Nas festas, principalmente nas carnavalescas, os espectadores vivem o festejar e estão submetidos às leis da liberdade.

Guarinelo (2001) pontua que o melhor caminho é pensar a Festa em termos gerais, sem tentar definir e circunscrever, pois o termo Festa implica em uma determinada estrutura de produção, que envolve uma participação concreta de determinado coletivo e aparece como uma interrupção no tempo social, articulando-se em torno de um objeto focal. Nesse sentido, a festa é uma produção social que pode gerar vários produtos, tanto materiais como significativos. Para esse autor a Festa é, num sentido amplo, produção de memória e, portanto, geradora de identidades no tempo e no espaço social. Os espaços festivos são responsáveis por *encontros* que cumprem as funções sociais, religiosas, políticas, estéticas ou *espetaculares*¹ e de bem estar no estar junto. A manutenção dessas práticas para Maffesoli (1997) nos lembra da necessidade desse lugar e estado para o indivíduo e suas identificações. Nesse *estar junto* se encontram os grupos, as tribos, os brincantes, a população com o sonho e a realidade desvelando as heranças dos antigos que ensinam os mais novos em um espiral de escrituras, diferenças e, portanto, rastros². Esses *rastros* que estão na Festa, nos ritos espetaculares e no imaginário de um povo.

¹ Espetacular: Prática e comportamentos humanos espetaculares organizados, dentre os quais alguns rituais, os fenômenos sociais extraordinários e, até as formas de vida cotidiana, quando pensadas enquanto fenômenos espetaculares (BIÃO, 2008, p. 23).

² Entendendo rastros segundo Derrida. O rastro é verdadeiramente a origem absoluta do sentido geral. O que vem afirmar mais uma vez, que não há origem absoluta do sentido geral. O rastro é a diferença que abre o aparecer e a significação. (DERRIDA, 2006, p 70-80)

No contexto cultural de Minas Gerais temos a presença dos negros com as suas práticas e saberes que compõem o imaginário das festas populares revivendo diferentes níveis de liberdade e alteridade. Os negros vindos da África e seus descendentes chegaram a Minas Gerais de diferentes formas. A desagregação e separação comprovada nessa cultura não apagaram os rastros relacionados à sua significação, pelo contrário, revelaram um contexto cada vez mais inconsciente, a resistência em oposição a um discurso que tenta apagar ou generalizar as manifestações. Segundo Lucas (2002, p. 47), “o Congado³ deriva-se, assim, do processo de imposição cultural sofrido pelos negros no interior do sistema escravista.” Ainda para autora, “a festa é o momento de reatualização da memória” (2002, p. 70). A festa cumpre as funções de espaço de poder, do ritual, de jogo, de riso e das “liberdades”. Martins (1997, p. 36) pontua que boa parte do Congado em Minas Gerais é formado por guardas de “Congo, Moçambique, Marujo, Catupês, Candombes, Vilão, Caboclos”. Dessa forma, os espaços dos Festejos Reisado, dos *ritos espetaculares* e das Festas merecem um olhar atento para as características complexas, simbólicas e suas significâncias. Queiroz (2005, p. 28) registra que “em sua configuração atual o Congado em Montes Claros se subdivide em seis grupos, sendo três Ternos de Catopês, duas Marujadas e um grupo de Caboclinho”.



Foto 01 – As cores, a dança do Congado em Montes Claros MG. Fonte: Ricardo Malveira

³ Congado: Cerimônias do Reisado de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, nas quais os santos católicos são festejados africanamente. (MARTINS, 1997, p. 31)

A cidade de Montes Claros⁴ tem suas festas populares ligadas aos cultos religiosos católicos. A antiga vila celebrava e festejava a festa diferentemente da configuração atual. As festividades e práticas dos negros, possivelmente proibidas ou ignoradas pela Igreja e autoridades locais, ganharam espaço certamente pela identificação da população de negros e descendentes que colaram sua tradição à realidade. Dessa forma, as Festas em louvor aos Santos Negros tiveram a autorização e supervisão da Igreja⁵. Hoje o Congado reúne as guardas ou Ternos em um único período do ano (agosto). As famílias importantes da cidade, o poder religioso e o poder público sempre mantiveram as Festas, sabendo da sua importância. As festas ganharam visibilidade por sua força e beleza e pelo incentivo às políticas públicas que permitiram à população perceber essas memórias, entendidas neste trabalho como rastros, principalmente da cultura africana. Pode-se dizer que as Festas e o Congado se tornaram o *locus* de Práticas Populares Organizadas Tradicionais. O Congado “chega à igreja do Rosário, inicia-se um rito de passagem, o ápice da festa – o momento do levantamento do mastro que representa a ligação completa dos reinos é o início de um reinado sagrado. (COLARES, 2006, p. 44).



Foto 02 – Momento do Levantamento do mastro à frente a Igreja do Rosário em Montes Claros - MG. Fonte: Ricardo Malveira

⁴ Montes Claros: A antiga rota dos tropeiros, a Fazenda de Montes Claros, o povoado do Arraial das Formigas. Cidade de Montes Claros emancipada em 1857 (PAULA, 1957:17). Cidade e o pólo do Norte de Minas e está localizada na região semi-árida, na bacia do Rio Verde Grande e Vale do São Francisco no norte de Minas Gerais (IBGE, 2007).

⁵ Jornal Correio do Norte (primeiras festas da cidade): Tiveram lugar, nos dias 16, 17 e 18, a festa de N. Senhora do Rosário – em sua Capela – , as de São Benedito e do Divino Espírito Santo, na matriz , com as solenidades e estilo, que terminaram pela procissão costumada; fazendo-se porém, sentir a falta de música em alguns desses atos religiosos. (14 de agosto de 1884, p. 02).

É agosto em Montes Claros, o céu limpo, os ventos balançam as fitas que enfeitam o centro da cidade onde reconheço o cenário festivo e corpo festivo do Catopê⁶, que descrevo como o brincante (homem ou mulher) que representa e simboliza, nas festas de agosto, os negros ancestrais e confirmam a presença do jogo e do riso estabelecendo a dualidade entre o não oficial e o oficial apontado por Bakhtin. Eles representam os rastros das memórias negras e o imaginário dos Reis do Congado, Chico Rei, Zumbi e dos Santos Negros na contemporaneidade. Os mesmos negros escravos, outrora subjugados à ideologia e poder da ex-colônia portuguesa, são ali na festa celebrados e revividos, os Catopês⁷.

Nos dias “oficiais” da Festa, as manifestações tradicionais ganham notoriedade com o Congado e, principalmente, os Catopês e sua ancestralidade, que é atualizada no presente, isto é, *no agora*, que cola o louvar no festejar através de práticas extra cotidianas. As Festas de Agosto constituem o espaço mítico onde se descortina a fé e o festejar, o passado e o presente do povo, que brinca nos dias de festa nas ruas como os Filhos do Sol que se libertam das amarras históricas através do seu corpo e suas dimensões ocultas. Como aponta Lobato (2008, p. 13) sobre as festas, “o participante perde o domínio da percepção e imerge no terreno das ‘dimensões ocultas’ que remetem, por sua vez, à dimensão do imaginário”. O culto a São Benedito está presente nesse Congado desde as primeiras manifestações através do Terno de São Benedito. Destaco o Mestre José Expedito Cardoso do Nascimento, conhecido como Mestre Zé Expedito, hoje com 67 anos, sendo 59 anos como brincante nas festas e 32 anos à frente do Terno. Os Catopês desse Terno saem os cinco dias de Festa da casa do Mestre no bairro Renascença, cumprindo a tradição.

⁶Catopês: Agrupam-se “em ternos”; cada terno tem mais ou menos vinte pessoas, entre adultos e crianças, somente homens. Apresentam-se em duas colunas começando pelos mais altos e seguindo em ordem decrescente pela altura até os menores. O chefe dança e comanda os cantos entre as duas colunas e à frente há também dois porta-bandeiras à paisana. A vestimenta uniforme é simples: calça paletó e camisa; de cor branca ou clara. O calçado não é obrigatório. Na cabeça atam um lenço e sobre este assentam um capacete, espécie de cilindro oco de papelão nas dimensões da cabeça, aberto dos dois lados e enfeitados com espelhos, aljôfar e fitas de varias cores, estas que medem mais ou menos um metro de comprimento tem uma das pontas presas ao capacete e a outra se esvoaça ao sabor dos ventos. O chefe usa um capacete enfeitado de penas de ema dando-lhe uma distinção especial. Cada um conduz um instrumento – pandeiro, tamborim ou caixa, uma flauta de bambu dá a poesia ao conjunto. Os dançantes são os donos da Festa de agosto, pois eles têm obrigação de organizar e acompanhar o “reinado” – reminiscências das festas de Chico Rei em Ouro Preto. (PAULA, 1957, p. 138-139).

⁷ É o mesmo zumbi ou congada de outros lugares, tendo, entretanto, características regionais. Os componentes são na sua maioria pretos dóceis e alegres. (PAULA, 1957, p. 138-139).



Foto 03 – Mestre Zé Expedito e o Terno de São Benedito nas ruas de Montes Claros - MG.
Fonte: Ricardo Malveira

Iniciamos um olhar para as festas e os Catopês, e seu corpo simbólico, que solicitam uma nova postura frente a essas tradições. O contexto social de opressão e preconceito aos negros existiu, e se os Catopês reinstauram esses rastros através do estar junto, do rito espetacular nas festas é porque existem motivações conscientes ou inconscientes. Ressalto o papel dos Catopês como uma manifestação festiva que se instala e estabelece, na contemporaneidade, a presença de cosmovisões, tornando visíveis os elementos da cultura ancestral negra mineira e revelando uma resistência quase inconsciente. Nos dias de Festa em agosto, as *caixas* e os *tamborins*⁸ tocam e os negro-morenos⁹ dançam, vestidos de branco, com fitas coloridas para festejar os dias “liberdade” cantando:

Hoje é dia de festa
Hoje é dia de festa
Festa de grande alegria olelé
Festa de grande alegria olalé.

⁸ Os instrumentos: O Instrumental é composto por caixas, chamas, tamborins, pandeiros e chocalhos. O único Terno que utiliza estes cinco instrumentos é o Terno de Nossa Senhora do Rosário do Mestre João Farias. Outro Terno de Nossa Senhora, do Mestre Zanza, não utiliza chocalho, e o Terno de São Benedito do Mestre Zé Expedito não utiliza o chama (QUEIROZ, 2005, p. 138).

⁹ Negro-morenos - Neste estudo, para tratar o Catopê, utilizarei a expressão negro-morenos para me referir aos seus participantes, pois entendendo a linha de tempo, que vai desde a chegada da cultura africana, marcada por misturas com outras culturas. Dessa mistura surgiu a cor morena que, a meu ver, não desmerece nem o moreno nem o negro, mas ao contrário enfatiza estas fusões tão características da formação do povo brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo, Hucitec, 1987.

BIÃO, Armindo. *As artes do corpo e do Espetáculo: Questões de Etnocologia*. Salvador: P&A Editora, 2007.

COLARES, Mona Lisa Campanha Duarte. *A Tradição no Mundo Contemporâneo: Análise dos Caboclinhos Montesclarenses; Terno de Congado das Festas de Agosto*. Montes Claros: Dissertação PPGDS/UNIMONTES, 2006.

COSTA, João Batista de Almeida. *Mineiros e Baianos: Englobamento, Exclusão e Resistência*. DF: Departamento de Antropologia da UnB; Tese – UNB, 2003.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. Trad. Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro, São Paulo: Perspectiva, 2006.

DUVIGNAUD, Jean. *Festas e Civilizações* Trad. L.F. Raposo Fontenelle. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará/Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

GUARINELO, Norberto Luiz in JANESO, Istvan e KANTOR, Íris *Festa: Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa. V. II*. São Paulo, Hucitec. Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp: Imprensa Oficial, 2001.

LOBATO, Lucia; OLIVEIRA, Érico. *Caderno do GIPE – CIT: Grupo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão em Contemporaneidade, Imaginário e Teatralidade*. Salvador: Universidade Federal da Bahia. Escola de Teatro/ Escola de Dança. PPGAC, nº20, 2008.

LUCAS, Glaura. *Os Sons do Rosário: O congado Mineiro dos Arturos e Jatobá*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

MAFFESOLI, Michel: *A Transfiguração do Político. A Tribalização do Mundo*. Trad. Juremir Machado da Silva. 3ª edição, Porto Alegre: Sulina, 2005.

MARTINS, Suzana. *A Dança de Yemanjá Ogunté sob a perspectiva estética do corpo*. PAULA, Hermes Augusto de. *Montes Claros sua História sua Gente seus Costumes*. Montes Claros, 1957.

PRADIER, Jean-Marie. *Etnocologia. Manifesto*. Publicado em Théâtre-Public, Paris: traduzido por Adalberto da Palma Pereira, revisto por Armindo Bião 1995.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. *Performance Musical nos Ternos de Catopês de Montes Claros*. Tese/Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2005.
Salvador: EGBA, 2008.